

# Introdução

---

Como amar a quem não conheço?

Impossível!

Tente e perceberá.

Posso por exemplo lhe dar várias sugestões de pessoas para você amar, afinal conheço pessoas fantásticas . Eu posso amá-las, afinal as conheço

Sem conhecê-las, sem saber nada delas, o exercício do amor fica circunscrito apenas à humanidade que a pessoa carrega em si, mas não ao ser humano que ela é.

No exercício do auto amor, é fundamental o primeiro passo em direção ao autoconhecimento. Isso já era conselho no Oráculo de Delfos na antiguidade grega, mas a tarefa não é muito fácil em virtude de nos terem separado de “mim”.

Hoje somos uma “casa” dividida; lá fora o quintal, as grades, o muro e dentro a intimidade.

A sociedade quer que apresentemos uma casa razoável da porta para fora, porque da porta para dentro não lhe interessa quão bem ou mal estejamos , e este é o papel de uma sociedade gerada e mantida por nós. Nos deu ideais, padrões, gabaritos, e vai nos cobrar que sejamos de acordo com tais pressupostos. Mas, se é uma sociedade formada e constituída por nós, podemos mudar a dialética.

Deixemos em segundo plano esses tais requisitos, elaborados por nós mesmos, e adentremos essa “casa” e comecemos a cuidar dela, da nossa intimidade, comecemos por “mim”.

É necessário esse movimento ou permaneceremos mergulhados na mais absoluta ignorância de quem realmente somos, e amar-se, não é apenas aceitar-se, é saber-se.

Viver em sociedade, desempenhar papéis e usar máscaras é inevitável, mas viver para a sociedade, identificarmo-nos com papéis e

deixarmos que nossa real identidade se confunda com as máscaras é viver uma vida medíocre e sem sentido e viver uma vida sem “mim” é não viver.

Quem seria o culpado por tal divisão?

Descartes quando separou o pensar do sentir e dividiu o que cabia a cada área e dividiu o homem?

Ou ele teria ganhado espaço justamente porque o homem ocidental estava vivendo essa divisão em si e Descartes só traduziu tal momento?

E por que continuamos a nos dividir em eu e mim, em corpo e alma, em dentro e fora, mesmo depois de tantos Descartes terem passado?

Enquanto não assumirmos a responsabilidade por essa divisão continuaremos divididos e não in-divíduos; ou seja, seres que não se deixam dividir.

Aquiescemos em perder a nossa integridade em prol do mundo, da sociedade, da igreja, da educação, dos padrões. Concordamos em sacrificar nossa melhor parte para vivermos um “eu” idealizado.

Primeiro concordamos que nos dividissem em partes, e nos dividiram para que nossa força fosse de tal maneira dividida e manipulada.

A sociedade teme indivíduos íntegros, a Igreja teme seres que não se deixam dividir, o Estado sabe que não pode manipular seres em total comunhão consigo mesmos. O ser essencial é rebelde, é inteligente, é lúcido, é forte e não pode ser reduzido, não se deixa reduzir. “Mim” não é “meio” para se chegar a nada. “Mim” é fim em si mesmo.

A responsabilidade é nossa. Descartes está morto. E a vida pulsa em nós. Resgatemos nosso ser íntegro. Abaixo as ideologias; “eu não quero uma pra viver”. Abaixo os ideais, abaixo os “deverias”, os “poderias”, abaixo o futuro do pretérito e viva o presente, viva eu, “viva tudo, viva o Chico barrigudo”.

Para que muitas coisas aqui ditas, sejam compreendidas, é necessário um gráfico, um gráfico que seria a tradução bem simples do que muitos sábios disseram. Entre tantos, Aristóteles na ética a Nicômaco seu filho, Jung quando usou o termo Enantiodromia ( emergência ou ativação do oposto inconsciente no decorrer do tempo ).

Tal gráfico nos mostra as polaridades.

Imagine uma linha, onde em uma das pontas se encontra um conceito, uma colocação, uma maneira de agir, e no outro extremo seu oposto. Como por exemplo altruísmo e egoísmo, passividade e Impulsividade, Intolerância e Passividade, Passionalidade e Frieza, Vida e Morte, e por aí afora...

Como qualquer par de opostos, são complementares e não antônimos ou antíteses, só se tornando patológicos quando um obtém vantagem sobre o outro, por exemplo; na polaridade entre altruísmo e egoísmo. Quando nos fixamos no altruísmo, e queremos ser mais realistas que o rei, achando que Deus erra, e que nós vamos consertar seus erros, nos dando, nos doando além da medida de saúde, desenvolvemos a soberba, a vaidade, e atraímos os egoístas, os inválidos, aqueles todos que não buscam o valor em si, e estes, fixados em uma atitude patológica de menosvalia, de desvalor, desenvolvem um sentimento de negação de seu real poder e de inferioridade

Com o tempo, a doença se instala, e o coitadinho lança um punhal nas costas de seu herói. Doença gera dor, e esse movimento é um movimento em direção à saúde; o caminho do meio.

### *saúde*

No altruísmo, o altruísta só dá, é a generosidade absoluta, e o exercício da A-rogância, onde não se pede.

Claro que isso não é uma dinâmica saudável, e mais dia, menos dia, o lado humilhado, vai ferir com uma “punhalada” a vaidade do “generoso”.

Jesus nos ensinou ficar na zona de saúde, na troca.

Creio que Ele pudesse ter chamado toda a Galiléia e salvado a todos. Não o fez, ao contrário, dizia; “ tua fé te curou”, “vá mulher, e não peques mais”. Salvou os que O procuraram, salvou alguns, e não todos.

Isso só pra citar as polaridades do altruísmo e egoísmo, imaginem quantas há...

Todos os mestres nos ensinam que bom é o caminho do meio. Todos nos ensinaram sobre o pecado do excesso; “Nada em demasia”

O processo do autoconhecimento e da autoresponsabilidade, como tudo, caminha por uma linha tênue entre excessos e polaridades. Os antigos oráculos ensinaram a nossos parentes gregos, que junto com a busca pelo autoconhecimento estaria a cautela, a busca pelo equilíbrio.

Na questão do autoconhecimento, estar num sítio de equilíbrio nos preserva. Transitar entre os excessos da total inoperância onde atribuí-se ao outro tudo o que nos acontece, e na outra extremidade culpar-se em eterna cobrança, num exercício tolo de perfeccionismo, onde me responsabilizo por todos os meus fracassos, erros, insucessos, impotência, e tudo o mais que não sai a contento na minha vida, e dessa forma me imobilizo.

Nessa, como em todas as outras circunstâncias, a lucidez é a saída, e a humildade a salvação.

Necessário se faz que comecemos a desenrolar a linha do novelo emaranhado que tornou-se nossa vida, para que possamos tecer algo de belo, útil e funcional a nós mesmos, de maneira responsável, mas não carrasca.

É quando tudo vai mal, que mais preciso de mim, é quando estou fraco que preciso restaurar as forças que me erguerão, e não me chicotear. Mas é quando mais preciso de mim, que de mim eu fujo. Não fico comigo. Não me busco, e busco fora, busco nos outros, referenciais, gabaritos, respostas, e acredito piamente no que ouço como conselho, sugestão, ou seja lá o que for que eu ouça que vai me tirar do buraco em que me coloquei. Mas a corda que me tirará de tal buraco, sai das fibras que eu teço em mim. Tal escalada precisa ser feita por mim, pois não há corda mágica que me salve. Mas de que se trata esse mim que tece, que escala, que salva?

